

JORNAL DE GARVÃO

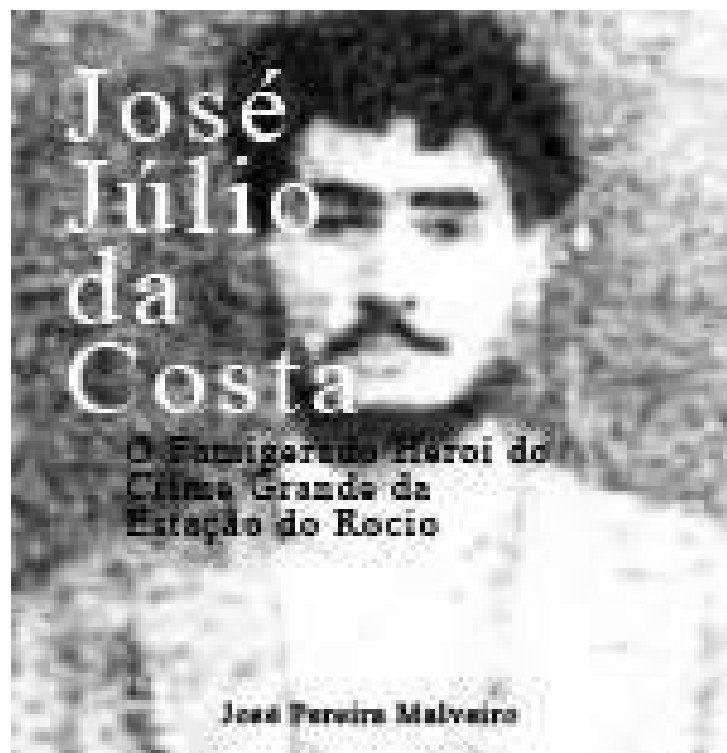
Nº 24 Verão de 2018

1,00 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>



JOSÉ JÚLIO DA COSTA CENTENÁRIO do *CRIME GRANDE da ESTAÇÃO do ROCIO*



Livro
*JOSÉ JÚLIO DA COSTA - O
Famigerado Herói do Crime Grande
da Estação do Rocio*

Faz, em 14 de Dezembro de 2018, cem anos, sobre o acto cometido por José Júlio da Costa, natural de Garvão, que vitimou o presidente da República Sidónio Pais.

Falar do homem que matou um presidente da República não é fácil porque já foi quase tudo dito, ou pelo menos: onde nasceu e quando morreu, nome dos pais, nome da esposa, porque cometeu o atentado, (segundo as várias versões), com quem jantou, com quem falou, onde dormiu, que pistola tinha e pouco mais se adianta, como se um atentado desta natureza pouco mais tivesse de interesse.

Contudo a questão é muito mais complexa do que isso.

A história de José Júlio da Costa é uma história empolgante cheia de mistérios e enredos, de fugas, cabalas e maquinações que subverteram o estado de direito e o remeteram a uma prisão eterna sem julgamento.

Não faltam as conspirações políticas na história de José Júlio da Costa, nem os enredos policiais, nem as conjuras e intrigas político-partidárias, não foram só os acontecimentos do Vale de Santiago, pela Greve Geral que o comprometeram politicamente, não foi só a traição à sua República por Sidónio Pais, não foram só os arruaceiros de rua dos Democráticos que o empurraram a cometer o atentado, foram também os investigadores policiais que não prosseguiram com as devidas investigações, foi também o médico prisional, António José Furtado de Mendonça Boavida, que forjou um boletim clinico, foi também um procurador da República, Pais Rovisco, que o internou num hospital de malucos e o subtraiu ao julgamento.

José júlio da Costa, não era louco nem morreu esquizofrénico.

O estado de loucura interessava a muita gente e muita gente pactuou com esta cabala que o impedia de ter um julgamento justo e imparcial.

Afinal o que sabia e o seu depoimento em tribunal iria comprometer muita gente. Uns, os cabecilhas do reboliço da primeira república, enchiam agora a Assembleia Nacional do Estado Novo, outros, os arruaceiros de rua ao serviço dos partidos, preenchiam agora as vagas na nova policia politica.

Afinal a sua prisão logo no início da ditadura não foi por mero acaso.

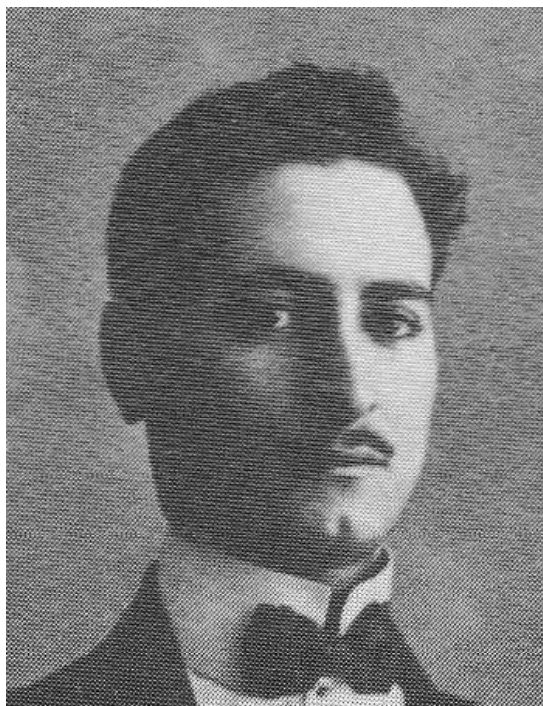
Sobre a vida de José Júlio da Costa na vila de Garvão, desde o seu nascimento, pouco há a dizer ou a diferenciar das outras crianças nascidas nestas terras do interior.

Sabe-se que nasceu em Garvão a 14 de Outubro de 1893, sendo o segundo filho de sete filhos de Eduardo Brito Júlio e Maria Gertrudes da Costa Júlio, ambos de Garvão, com ramificações familiares a ricos lavradores nas terras vizinhas.

Er a m lavradores considerados abastados para e época e donos de várias

propriedades na freguesia de Garvão onde praticavam a agricultura, e stava m igualmente estabelecidos com loja e venda.

Ao pai de José Júlio da Costa não seria estranho as ideias republicanas ou mesmo alguma ligação a sociedades secretas, sejam elas Maçonicas ou Carbonárias, estando esta bastante activa nestes meios rurais.



A propagação das ideias carbonárias e como tal republicanas nestas terras do interior, atravessadas pela via-férrea, teriam sido divulgadas precisamente pelos politizados ferroviários.

Fregueses habituais da *venda*, estes verdadeiros apregoadores de histórias, acontecimentos, notícias e ideias revolucionárias, em muito teriam influenciado tanto o pai como o jovem José Júlio da Costa.

Assim teria nascido numa família de pai republicano e tido igualmente como carbonário, segundo a informação de algumas pessoas da vila ainda nos anos sessenta do século passado, apesar do pai ter falecido com Tifo a 6 de Setembro de 1906, com trinta e quatro anos, a pouco mais de um mês de José Júlio da Costa fazer os treze anos, cedo despontou no jovem José Júlio da Costa, a consciência revolucionária, pró-república, anti-monárquica, anti-clerical e a vontade de lutar pelos seus ideais.

JORNAL DE GARVÃO

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção/Autores: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: Edição dos autores

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

(Autorisa-se a reprodução com a menção da obra e dos autores)



NA ROTUNDA PELA IMPLANTAÇÃO DA RÉPUBLICA

Com 16 anos

Aos 16 anos de idade, a 21 de Maio de 1910, alista-se como voluntário no Exército Português.

Para a tomada desta decisão terá contibuido, certamente, não só a memória paterna, mas igualmente as influências políticas e de Associações Secretas, nomeadamente a Carbonária.

A cerca de quatro meses da implantação da República, foi colocado no regimento de Infantaria 16, precisamente aquele sublevado pelo herói republicano Machado Santos, o chefe Carbonário, seguindo uma das estratégicas da Carbonária que seria infiltrar as unidades militares com soldados da sua confiança, para que no dia programado sublevassem o quartel e abrissem as portas aos outros revolucionários comprometidos com a revolução. Apesar de só metade da guarnição do quartel ter aderido à revolta, José Júlio da Costa era um deles.

De facto pela Implantação da República em cinco de Outubro de 1910, José Júlio da Costa está ao lado de Machado Santos na Rotunda, ainda com dezasseis anos de idade, é um dos primeiros a lutar pela revolução republicana, mesmo quando esta já se dava como perdida, levando ao suicídio do Almirante Cândido dos Reis, chefe militar da rebelião, José Júlio da Costa permanece fiel à revolução junto das forças carbonárias que lutaram até ao triunfo da República sob o comando de Machado Santos.

A influência paterna; a colocação no regimento Infantaria 16 sublevado pelo chefe Carbonário Machado Santos; a permanência de José Júlio da Costa na Rotunda ao lado dos Carbonários quando a revolta já se dava por perdida, teremos de filiar a sua simpatia senão mesmo filiação nesta associação secreta, na verdade a Carbonária, ao contrário da Maçonaria mais elitista e urbana, era de facto uma associação secreta de moldes populares e provinciais, embora não exclusivamente.

Ao jovem José Júlio da Costa esta participação na implantação da República ao lado de Machado Santos, com os dramas que daí ocorreram, nomeadamente o suicídio do carbonário almirante Cândido dos Reis, quando julgava a causa perdida, terá pesado fortemente na sua formação política e moldado, não só o seu percurso político, mas igualmente os seus heróis.

O percurso militar de José Júlio da Costa levou-o a Timor em 1911, como voluntário para combater a rebelião das forças do reino de Manufahi que se sublevaram nos finais de 1911, voluntariou-se igualmente para Moçambique e Angola, em 1914, para combater os alemães, o que lhe valeu um louvor em 27 de Dezembro desse mesmo ano, mencionando, na sua folha de serviços, o seu “*grande patriotismo e boa vontade de desempenho de todos os serviços que era encarregado*”, pelo seu cumprimento na batalha de Naulila¹, em 18 de Dezembro de 1914 entre portugueses e alemães no Sul de Angola.

Segundo Augusto Casimiro autor de *Naulila*, publicação de 1922, “*Ao romper da manhã estava o Barão Von Water a oito quilómetros deste posto esperando as 4,3º, e supondo-se em frente do flanco direito das nossas posições. Reconhece o erro. Está em Nangula e tem na sua frente apenas os landins do pelotão de Losa, a secção que o sargento José Júlio da Costa comanda, de guarda ao vau. Trocam-se tiros.*”² José Júlio da Costa, com 21 anos, seria sargento do pelotão da 15ª Companhia de Moçambique, comandada pelo Alferes Gonçalves Losa, composta por tropas africanas denominadas Landins³ e enviados para Angola.

Com o posto de Segundo-Sargento, passa à vida civil dois anos depois, em 11 de Abril de 1916, com vinte e três anos, tendo por esta altura regressado a Garvão, sem primeiro, contudo, deixar de passar pela embaixada francesa, onde se ofereceu como voluntario, para combater na Grande Guerra contra os alemães, muito antes da constituição do Corpo Expedicionário Português, e do envio dos militares portugueses para França em 30 de Janeiro de 1917, o que não conseguiu por não ter passaporte. Voluntariou-se igualmente para o CEP, durante a constituição deste, o que foi também recusado.

¹ Incidente militar no Sul de Angola entre uma pequena força militar alemã e militares portugueses.

² Augusto Casimiro, *Naulila*, 1922, Lisboa. P. 175.

³ Os Landins ou Vátuas eram tropas africanas com ligações guerreiras ao célebre Gungunhana, derrotado pelas tropas portuguesas e emprisinado por Mouzinho de Albuquerque em 1895.

DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento

Café Central

Manuel Bárbara dos Reis
*Comidas e
Dormidas*
Telef. 286 555 113
Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



RETORNA a GARVÃO

Regressado a Garvão casa com Maria do Rosário Pereira Costa, de famílias de São Martinho das Amoreiras, de quem não houve filhos, herdeira de bens fundiários, doravante administradas pelo marido.

Propriedades estas que foram sendo paulatinamente vendidos pelo marido, não só para as suas despesas pessoais e familiares mas inclusivamente para manter as suas aspirações tauromáquicas, assim como algumas obrigações sociais na sua terra natal e ajudas monetárias aos camaradas em dificuldades.

José Júlio da Costa estaria de facto envolvido na vida social da vila, inconstante a raiar a imprudência segundo uns, benemerente ao ponto de se endividar segundo outros, pouco se conhece sobre esta sua faceta social, a sua façanha obliterou quaisquer outros aspectos da sua vida privada que eventualmente nos poderiam auxiliar a ajuizar de uma forma mais consistente a sua mentalidade, contudo, pelo que chegou até nós, as suas funções como político ou presidente da Junta de freguesia e o seu temperamento tempestivo e de alguma voluntariedade deveriam de acarretar algumas despesas, não só a actividade do teatro descrita por José dos Reis Sequeira, mas igualmente a solidariedade e a partilha com as pessoas, segundo a afirmação de um sobrinho, *“A fortuna da mulher, ao nível das terras, estava em liquidação, porque eles tinham vendido, boa parte do património tinha sido vendido, tinha sido convertido exactamente nessa actividade dele, desde a tauromaquia à solidariedade, à partilha que ele tinha com as pessoas, e com o pagamento de despesas.”*

Igualmente Rocha Martins, cuja antipatia por José Júlio da Costa ficou bem explanada nos seus *Fantoches*, menciona,



em *Sidónio Pais - Ídolo e Mártir da Republica*, as esmoladas por este que o levava a arruinar-se, *“(...) tem a vaidade excessiva que o leva a arruinar-se em esmoladas para atrair a estima pública (...)”*

Saído de Garvão aos 16 anos para ingressar no exército em 1910, volta a Garvão seis anos depois em 1916, com 22 anos de idade, conciliando a actividade de lavrador com comerciante, será neste período que José Júlio da Costa

protagoniza a maior parte das peripécias porque ainda hoje é recordado na vila de Garvão e desenvolve uma actividade política, com as exaltações e frustrações daí inerentes que afectavam o seu exaltado espirito e que o leva a cometer o atentado. Irrequieto, não seria a vida de casado que o iria acomodar ou os negócios familiares que o sossehariam, tanto cavalgava até Ourique, sede administrativa do concelho, onde se intrometia na vida política concelhia, como apanhava o comboio para Lisboa onde se imiscuía e participava na vida

política nacional.

Não será difícil imaginar José Júlio da Costa, devido ao seu feitio arrebatado e encarniçado, em discussões empolgadas e impetuosas a incentivar os seus companheiros a tomarem acções decisivas. A sua militância política tanto o leva junto dos círculos políticos republicanos dos *democráticos* de Afonso Costa, com os quais se identifica, como o leva à sede do concelho, onde durante o consulado Sidonista teria sido nomeado pelo administrador do Concelho para presidente da Junta de Freguesia de Garvão.

Cargo esse que estaria de acordo com o sentimento político da altura e segundo o exemplo do seu herói da Rotunda de 1910, Machado Santos e de outros republicanos e sindicalistas em dar cobertura, neste início de governação, a Sidónio Pais.

Garvão
minimercado
De. José António Silva Nunes Lg. da Palmeira, 4 – OURIQUE
GARVÃO SUPER
MINIMERCADO

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerretro Silva
Telem. 934 059 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos de decoração para o Lar
Candeeiros - Cozinhos por medida
☎/Fax 286 555 164 – B.º Escola, L 2 – GARVÃO

Drogaria Carapinha
De: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CEREAIS - FERRAMENTAS - ETC.
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 – GARVÃO

GenSolar
Materiais de Energias Alternativas, Lda.
Johannes Sennewald Jsennwald@hotmail.com
gensolar@iol.pt Tm. +351 936 738 308
Tm. +351 918 640 384

CAFÉ LINA
Carlos Sabino Lino
934317809
Chada Nova

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 – GARVÃO

LINDAMIRA DÔLORES DE BRITO CARVALHO
Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



SIDÓNIO PAIS

O período que vai desde a implantação da República até ao golpe de Sidónio, é caracterizado por uma grande instabilidade política, só entre 1910 e 1916 Portugal teve quarenta e cinco governos, demonstrativo da profunda divisão política que reinava entre as diversas forças partidárias portuguesas.

As várias fracções republicanas lutando pela hegemonia política, os monárquicos e a maioria do clero pela restauração da monarquia e os anarco-sindicalistas e outros movimentos libertários pujando pela revolução social, levando à saturação do povo português e marcado pelo sucessivo apelo à salvação nacional, propicio ao aparecimento de líderes carismáticos, particularmente mistificados, embutidos de uma providência divina que surgem, aos olhos de um povo analfabeto, supersticioso e refém da propaganda clerical, como salvadores da Pátria.

De facto são constantes os apelos na imprensa portuguesa «a um salvador da Pátria». Machado Santos, o herói da República, protagoniza uma série de tentativas subversivas com o intuito de derrubar o governo dos *democráticos* de Afonso Costa e implantar um governo de salvação nacional.

Pela madrugada de cinco de Dezembro de 1917, Sidónio Pais e Machado Santos, à frente de uma junta revolucionária, chefiam um movimento militar contra o esforço nacional na participação na Grande Guerra Mundial que estava a provocar a falta de alimentos no país e a um aumento generalizado dos custos nos alimentos disponíveis.

Sidónio Pais congrega assim à sua volta, não só os apoiantes dum governo que se queria de salvação nacional, mas um vasto leque de descontentes com o governo que o precedeu, de facto com Afonso Costa preso, Bernardino Machado, o presidente da República, expulso do país, estava

aberto o caminho para Sidónio Pais implementar as suas políticas no meio de uma enorme expectativa.

José júlio da Costa ao matar Sidónio Pais, não eliminou somente o presidente da República, um major ou um lente da Universidade de Coimbra, eliminou igualmente a génese do regime ditatorial, característico dos governos autoritários que se seguiram não só em Portugal mas igualmente noutros países, legitimado pelo caos político da República, já ensaiado anteriormente em 1915 com a ditadura de Pimenta de Castro e posteriormente o salazarismo levado ao poder na consequência do golpe de 28 de Maio de 1926 que eventualmente conduziu Salazar ao governo. “*O génio político de Sidónio, que o transforma num precursor e num pioneiro numa escala global, foi ter encontrado a fórmula que muitos outros aplicariam com infinitas variantes nas décadas vindouras – e essa foi a causa da sua grandeza e da sua tragédia.*”

Na noite de 14 de Dezembro de 1918, à frente da sua comitiva presidencial, Sidónio Pais, dirige-se para a gare na estação do Rossio. Quando a multidão o vê surgir, ovaciona-o como sempre, correm para o saudar, correm lágrimas de exaltação, soam vivas ao Sidónio, soam vivas à *República Nova*, soam fanfarras e toca-se o hino nacional.


Sidónio Pais eloquente agradece à esquerda e agradece à direita, impecável no seu fato de major venialmente curva-se para agradecer à população que o quer agarrar, que lhe quer tocar, que o quer beijar e soa um tiro, soam mais e Sidónio Pais jaz ensanguentado nas frias lápides de pedra da estação do Rossio.

“Morro bem... salvem a Pátria” terá escrito o jornalista Reinaldo Ferreira que chegou ao local mais de uma hora depois dos acontecimentos e já com Sidónio Pais dado como morto na morgue do Hospital de São José. O certo é que Sidónio Pais,

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Telems.: 96 648 90 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 980 40 08
E-mail: bapptstapereira2001@sapo.pt


MONTARAZ
GARVÃO

FUNERARIA ALENTEJANA
Funerais e trasladações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 43
7690-909 Ourique
Tel - Fax 286 512 561
Email: funalentejana@sapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Vila Nova de Mil Fontes
loja 30 Cave
Rua Gago Coutinho 72
7665-820 Saboia
Tel - 263 882 117

Estrada Nacional
S. Luis
Odemsa

Joaquim Gonçalves 938610895
Elio Guerreiro 969163670
932609540
Pedro Gonçalves 932609541

Adília Pereira Coelho

TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA

Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 381
Rua do Álamo, 12 GARVÃO

“BAR DA ESTAÇÃO”

REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS
de: **Célia Maria Pacheco Silva**

Telem: 917 591 497
7670 - 129 FUNCLEIRA - GARE

AUTO LITORAL
António Adanjo

MANUTENÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS

Tel. / Fax 283 691 432 - Tlm. 936 852 990
CAMPO REDONDO

Restauração Martins
Bairro Novô da Sardoã
Lote 38

de Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão

Tel.s - 936 347 021 e 932 592 913



VALE de SANTIAGO

José Júlio da Costa, Herói ou Carrasco.

A greve geral de 18 de Novembro de 1918, apesar de não ter a afluência expectada no país em geral, teve uma grande aceitação no Vale de Santiago, freguesia do concelho de Odemira, onde a população demonstrava alguma consciencialização política e não era estranha à implantação do regime comunista na Rússia em Outubro de 1918.

A greve geral não teve a adesão no resto do país como se observou no Vale de Santiago, de facto a fraca adesão dos trabalhadores de sectores vitais da economia nacional condenou os trabalhadores rurais do Vale de Santiago ao isolamento e consequentemente à derrota final, apesar de se entrincheirarem-se no ponto mais alto da vila e tentarem uma brava resistência, enquanto não chegavam os tão esperados reforços, duma revolução triunfante, esta afinal não se concretizou.

Enquanto um grupo de cerca de sessenta trabalhadores, “*não só daquela freguesia mas também de outras vizinhas*”, procurou fazer frente e resistiu durante quatro dias ao assalto das forças da GNR e às milícias civis dos proprietários rurais no Cerro Alto, outros foram perseguidos e presos na própria vila pelos militares que fecharam inclusivamente as instalações da Associação dos Trabalhadores Rurais

Nestes acontecimentos finais do Vale de Santiago interveio José Júlio da Costa, primeiro como guia das forças militares que se dirigiam ao vale de Santiago e

posteriormente como conciliador a pedido das autoridades, pois de facto era o único civil que acompanhou os militares na fase inicial.

Por um lado logrou convencer os revoltosos a renderem-se com a promessa das autoridades de que não seriam molestados, promessa essa que não veio a ser cumprida, por outro lado e segundo relatos da época, José Júlio da Costa seria um dos mais encarniçados na perseguição aos trabalhadores revoltosos, tanto como guia da força militar na direcção do Vale de Santiago, como na sua perseguição juntamente com milícias organizadas pelos proprietários, posteriormente à sua rendição.

Este comportamento terá contribuído fortemente para a sua convicção em abater Sidónio Pais, José Júlio da Costa era um homem dividido, por um lado fazia parte daqueles republicanos que inicialmente apoiaram o Governo de Sidónio Pais, tal como os seus heróis Machado Santos e Carlos da Maia e que posteriormente viriam a ficar desiludidos com as suas políticas, igualmente laços familiares prendiam-no aos lavradores ricos da região, pois José Júlio da Costa era primo de António Eduardo Júlio, o proprietário do celeiro arrombado pelos trabalhadores rurais do Vale de Santiago.



Estes dois retratos permitem fazer o contraste entre José Julio da Costa, tal como ele era à data do crime, e o criminoso no dia da sua captura, no Porto

Salão Mila
Emília M.^a Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telef. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS

RECONSTRUIDOS
FEDIMA®
LUBRIFICANTES
SHELL



O ATENTADO

depois de atingido, pouco mais poderia pronunciar do que um agonizante murmúrio de defunto.

O seu funeral, tal como em vida, foi uma grande espalhafatação, uma encenação espetacular, impressionante, com meretrizes e carpideiras, convulsões e desfalecimentos, tiros, bombas, mortes e vivas desafiantes a Afonso Costa, milhares de pessoas, duzentas mil segundo a imprensa da altura, acompanharam o féretro num arrebatado percurso, pesaroso e tumultuoso, assiduamente interrompido por múltiplos e impetuosos incidentes.

O homem providencial, o salvador da pátria, o homem espetáculo que de cima do seu cavalo envergando a farda militar cativava as massas, depois de morto, virou mártir.

O povo presta-lhe culto e canta Fernando Pessoa.

De facto eram 23 horas e 50 minutos, do dia catorze de dezembro de 1918, quando o Presidente da República, Sidónio Pais e a respectiva comitiva presidencial chegou ao hangar da Estação do Rossio para embarcar no comboio rápido para o Porto que deveria partir às 23 horas e 55 minutos, onde uma banda da GNR e a respectiva companhia faziam a guarda de Honra.

Acompanhavam-no o filho António, seu Secretário particular, o irmão António da Silva Pais, o capitão Carneira, o alferes Bernardo de Albuquerque e Ferreira da Silva.

A presença de agentes da policia preventiva e judiciária tanto no hangar e acessos como no salão da estação e nas ruas próximas era visível, suficientemente forte para dissuadir qualquer tentativa de atentado contra o presidente, formando um cordão de segurança à passagem de Sidónio Pais que se dirigia para a gare pelas portas centrais.

Quando, no primeiro andar da estação, José Júlio da Costa, dissimulando uma pistola no capote alentejano que

enxergava, certificando-se, junto de um dos guardas, qual era o presidente de entre os que compunham a comitiva presidencial, furou o duplo e compacto cordão policial que o protegia, quando transpunha a quinta porta, ao mesmo tempo que disparava uma pistola.

Sidónio Pais foi mortalmente baleado, por José Júlio da Costa, autor confesso do mortífero acto, posicionado no meio da multidão e perto das portas que dão acesso ao cais de

em b a r q u e limitara-se a empurrar um dos polícias da dupla fila do cordão de segurança e a disparar a sua arma sobre Sidónio Pais que agradecia as aclamações que se ouviam dos populares que rodeavam o cordão policial, é tudo tão rápido que os policias perto de José Júlio da Costa, nem tiveram



tempo de sacar das armas, agarrando imediatamente o autor dos disparos e só isso o salvou de ser logo ali morto, como o foram vários populares que se encontravam no local e foram atingidos pelas armas dos guardas, quando procuravam abrigo assim que ouviram os primeiros tiros.

Nas palavras do próprio, “*Quando na estação do Rossio o déspota marchava para a gare entre alas de polícias armados, afastei de repelão os guardas e tive Sidónio seguro na boca da minha pistola, tão certo de o abater que era convicção minha cair também ali*”¹

¹ Entrevista de Manuel Ribeiro que entrevistou José Júlio da Costa na prisão inserido no livro *Sidónio Na Lenda* de D. António de Albuquerque, em 1922.

Café Nascido do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de: José Guerreiro Manuel
Contacto: 926 578 051 121
Telefone: 286 555 108
Telemóvel: 935 090 101
Largo da Cotação n.º 24 7670-128 GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim Rosário Guerreiro
Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



OU MATAVA OU MORRIA

José Júlio da Costa terá chegado a Lisboa, acompanhado da esposa e de Caetano Rosa, a nove de Dezembro. Nos dias anteriores ao atentado, a catorze de Dezembro, desenvolve enérgica actividade em vários locais da cidade de Lisboa e arredores, procurando e encetando conversas com conhecidos, comprometidos, ou não, com o que se propunha fazer, incluindo marinheiros e outros militares, mas essencialmente junto dos seus antigos colegas carbonários que por esta altura ainda constituíam uma boa parte da guarda pretoriana dos *democráticos* de Afonso Costa, os chamados *Formigas Brancas* e que agora viam com apreensão a sua actividade política na sua terra natal, nomeadamente os círculos sidonistas junto do administrador da Câmara Municipal de Ourique¹ e igualmente das suas acções junto das forças policiais, durante as perseguições aos trabalhadores agrícolas do Vale de Santiago, pela ocupação de terras, no seguimento da Greve Geral de 18 de Novembro de 1918.²

De facto José Júlio da Costa muito dificilmente conseguiria apaziguar os seus antigos camaradas senão com uma acção dramática que o expurgava de todas as dúvidas o seu cometimento à revolução. Se por um lado na capital, alinhava ao lado dos *democráticos* de Afonso Costa, pugnando por uma via revolucionária, “*Afonso Costa no Governo da República marcou o seu lugar junto dos maiores estadistas estrangeiros e para mim foi ele igual a Sebastião José de Carvalho e Melo, este expulsando os Jesuítas e aquele decependo a Igreja. Os monarquicos não podiam ouvir o nome desse homem, que foi e ainda é o maior de todos os republicanos*”.³ Por outro lado, na sua terra natal, não só fazia parte da elite local ao lado dos ricos proprietários como encetou uma tenaz perseguição aos trabalhadores revoltados do Vale de Santiago ao lado das forças sidonistas.

Segundo a carta escrita, por José Júlio da Costa, reproduzida por Rocha Martins⁴ este relata os sítios onde esteve e com quem falou no próprio dia e antes de cometer o atentado, quando descreve que, “*Cheguei assim à toa em frente do quartel de marinheiros*”, ou de que se lembrou em, “*fazer nesse quartel a revelação da morte do Presidente*”, e que ali encontrou um marinheiro e lhe perguntou, “*se já lá estava a Marinha*”, que lhe revelou o plano e, “*fiz que ele chamasse um soldado das colónias para o aliciar*”, de que este, “*teve também gostosamente notícia da morte do Presidente*”, descreve igualmente que convidou o marinheiro a ir com ele afim de, “*prevenir no Arsenal alguns fixes*”, onde o, “*marinheiro perguntou pelo sargento Almeida*”, que não se encontrava e com o qual José Júlio da Costa queria falar para ver o grau moral da Marinha, pedindo então que lhe trouxessem, “*um marinheiro bom republicano*” os quais foram jantar no restaurante Silva do Chiado, onde, durante o jantar, foi dando instruções de combate e, “*que fossem logo desmontando algumas peças que não fizessem falta a bordo dos navios*”,

e que igualmente, “*os barcos se pusessem abrigados ou fora do alcance da artilharia da terra*”, instruiu também, “*Que tomassem o Parque Eduardo VII com as peças de grosso calibre e metralhadoras*”.

Ora, muito dificilmente José Júlio da Costa passa a ideia da ocasionalidade desses encontros, ou da falta de concertação entre alguns sectores da vida política nacional que planeavam a eliminação física de Sidónio Pais.

De facto não seria agora um simples marujo encontrado ocasionalmente à porta do quartel dos marinheiros que iria desmontar as peças de guerra a bordo dos navios ou que pusesse os barcos abrigados e fora do alcance da artilharia e muito menos que tomasse o Parque Eduardo VII, (a Rotunda das revoluções), com peças de grosso calibre e metralhadoras.

Ou havia de facto um planeamento insurrecional que o seu gesto despoletaria, ou de facto José Júlio da Costa foi ludibriado da iminência duma revolução e por quem interessava a morte de Sidónio. Estaria certamente convencido disso e as pessoas que procurou, mais do que meros acasos, seriam de facto, ou seus conhecidos, ou figuras lançadas para o confundir, (com ou sem conhecimento dos próprios), por quem nos bastidores urdia o drama e fariam parte dessa trama que o afastou da realidade e o levou a cometer o atentado.

¹ O Administrador da Câmara Municipal de Ourique, era, por esta altura, Ricardo Ayres D’Oliveira que em secção do executivo camarário propõe em 22 de Dezembro de 1918, que seja dado à Praça D. Dinis, na parte nobre da vila, o nome de Praça Sidónio Pais. Contudo em acta do mesmo executivo, datada de 5 de Fevereiro de 1919, Ricardo Ayres D’Oliveira é exonerado do cargo de administrador do concelho por decreto do Governador Civil de Beja, nessa mesma reunião é igualmente proposto ser dado à Praça D. Dinis o nome de Praça da República, em clara oposição às aspirações de Ricardo Ayres D’Oliveira. Assistia-se assim à limpeza dos cargos públicos dos últimos sidonistas. Ricardo Aires de Oliveira, seria novamente, em 1937, Presidente da Comissão Administrativa do Concelho de Ourique empossado em plena ditadura do Estado Novo. Esta passagem de elementos Sidonistas para a ditadura Salazarista, como se observou, não se limitava somente à capital ou ao governo, observava-se igualmente nestes concelhos do interior do país.

² “*José Júlio da Costa pertencia ao partido democrático, portanto adversário do Sidónio; mas na questão da greve agiu como lavrador, como defensor do capitalismo, sem noção dos interesses partidários e sem consulta aos superiores hierárquicos do partido. O certo é que, depois desta saída à frente da força da G.N.R. não mais voltou a Garvão. A greve teve início em 18 de Novembro; esta acção da guarda republicana sobre os rurais do Vale de Santiago, já foi depois do dia 20. Diz-se (dizia-se) que José Júlio seguira para Beja, capital do distrito e ali os chefes distritais do partido tê-lo-iam posto ao facto da situação, possivelmente admoestando-o do trabalho prestado ao ditador Sidónio Pais, pelo que tomou o rumo de Lisboa e em 5 de Dezembro cometeu o atentado. Há quem diga que essa acção foi ordenada pela maçonaria, mas eu, mais não sei do que estou a contar.*” In: Sequeira. Lisboa. 1978. P. 24

³ Rocha Martins, 2008, p. 389.

⁴ Rocha Martins, 2008, p. 388 e seguintes.



A PRISÃO

O FALSO RELATÓRIO MÉDICO

Segundo o *Diário de Notícias* José Júlio da Costa foi agarrado por vários populares que o queriam linchar, chegando o ser agredido violentamente, do que lhe resultaram vários ferimentos.

Preso nos calabouços do Governo Civil de Lisboa, José Júlio da Costa foi brutalmente espancado e torturado durante dias e só o pedido para que o deixassem falar terá salvado a sua vida.

Contudo se no processo de investigação ao acto de José Júlio da Costa havia forças que procuravam desenvolver o seu trabalho, outras havia que procuravam subverter a justiça e terão contribuído para aumentar a desconfiança no defensor oficial do preso e requerer formalmente um exame pericial sobre o seu estado mental.

Assim, em Junho de 1920, José Júlio da Costa foi submetido a um exaustivo exame psicológico, por prestigiadas figuras médicas da altura, nomeadamente o psiquiatra Júlio de Matos que posteriormente daria o seu nome ao Hospital Psiquiátrico de Lisboa, pelo médico e professor de psiquiatria Sobral Cid, igualmente com uma unidade hospitalar com o seu nome em Coimbra e do psiquiatra Caetano Beirão,² um dos fundadores do Hospital Psiquiátrico Miguel Bombarda.

As conclusões desse exame eximem José Júlio da Costa de qualquer perturbação mental que o levasse a cometer o atentado e como tal imputável perante a justiça, segundo o *Relatório sobre o estado mental de José Júlio da Costa* apresentado pelos mencionados psiquiatras em 10 de Fevereiro de 1921.

Contudo apesar deste parecer bastante categórico sobre o estado mental do preso e apesar de já ter o julgamento marcado para o dia 31 de Março de 1921, no dia 5 desse mesmo mês e ano, vinte e cinco dias depois da emissão desse relatório médico e vinte e seis dias antes do julgamento, o médico prisional António José Furtado de Mendonça Boavida redige um relatório, para o ministério da Justiça, sobre o estado mental de José Júlio da Costa, no qual, arredado de qualquer investigação médica independente e baseado em pressupostos que entravam em conflito com o relatório médico dos três psiquiatras, pura e simplesmente, recomenda o “*internamento deste num manicómio para ser observado por um psiquiatra*”, o que levou o Procurador da República, Pais Rovisco, no antigo convento da Boa-Hora, agora convertido em tribunal, a adiar o julgamento indefinidamente.

Com que bases Mendonça Boavida faz esta análise? Que pressões terão havido para vinte e cinco dias depois da emissão do relatório médico por três conceituados psiquiatras portugueses que o davam com uma sanidade mental sã e em condições para ser julgado, fazer um juízo destes? Do que é que o advogado defensor de José Júlio da Costa se apercebeu para requerer um exame mental ao preso? A quem é que interessava que vinte e seis dias antes do julgamento o dessem como inimputável perante a justiça? Que forças se movimentavam nos bastidores que não permitiram o seu julgamento e o devido depoimento em tribunal? Porque não foi feito então outro exame psiquiátrico ao preso, antes de o submeter novamente a julgamento, como o próprio Mendonça Boavida sugeria?

De facto o relatório de Mendonça Boavida se por um lado é bastante perentório sobre o estado mental de José Júlio da Costa na medida em que tem a palavra final e o surriprou ao julgamento público, por outro lado não deixa de ser ambíguo na decisão que tomou e do exame que faz do preso.

Contudo acontecimentos posteriores à *noite sangrenta* e à sua libertação, muito dificilmente esta versão sobre o estado mental de José Júlio da Costa se mantêm. Torna-se de facto insustentável justificar, baseado numa alinação mental, como se manteve fugitivo todos esses anos até à definitiva mudança da situação política com a instauração do Estado Novo, saído do golpe de 28 de Maio de 1926.

Quem estaria envolvido? Muitos e muitos eram de facto os interessados ou cúmplices que pactuaram com a tramoia, capazes de subverter instituições que se queriam íntegras e independentes.

¹ Alberto Franco e Paulo Barriga. *O Homem que matou Sidónio Paes*. Lisboa, 2008. P. 104.

² Pai do saudoso Caetano de Mello Beirão, eminente arqueólogo no Concelho de Ourique, a que foi dado o nome ao Centro de Arqueologia de Ourique, “Caetano de Melo Beirão”.

³ João Leal de Zêzere, *No Mundo do Delírio e da Alucinação*. Lisboa: M.G.V., 1955. P. 158. Apud Ana Inês Vizeu Pinto da Cruz, *História da Psiquiatria Forense em Portugal (1884-1926): a consistente originalidade de Júlio de Matos*, 2016, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra. P. 223.

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO


Cont. N.º 901 697 621
Comércio de Beira
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.ºS
ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 – Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8
OURIQUE

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Caixilharia de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Fole
Tectos Falsos Orçamentos e Deslocações Grátis
Tel./Fax 286 555 164 – Rua Nova 25-B – GARVÃO



SOLTO na NOITE SANGRENTA em 19 de Outubro de 1921

José Júlio Costa seria libertado no seguimento dos acontecimentos da noite sangrenta de 19 de Outubro de 1921. Libertado por um grupo de 300 civis armado, ter-se-ão dirigido ao hospital miguel Bombarda e levado-o para o *Centro Republicano António Maria Baptista*, onde lhe prestaram homenagem antes de seguir para lugar incerto no norte do país, por um grupo de revolucionários, nomeadamente dois irmãos de nome Brás e outro individuo de nome Alberto Midões, proprietário do hotel Central em Matosinhos.

De facto, naquela noite fatídica, militares comandados pelo tristemente celebre cabo Abel Olímpio, o “dente de ouro”, na chamada “camioneta fantasma”, circula pelas ruas de Lisboa prendendo aqueles que deverão ser mortos. São assassinados, nessa mesma noite, o próprio primeiro-ministro, (ou presidente do ministério como então se dizia), António Granjo e Machado Santos o herói da Rotunda, assim como José Carlos da Maia,¹ o coronel Botelho de Vasconcelos e o comandante Freitas da Silva. Outros escaparam à turba assassina porque não foram encontrados.

Se esta libertação era uma dívida que se sarou para os seus antigos camaradas, o mesmo não se poderá dizer dos cabecilhas partidários, os mandantes, os que influenciaram e foram os responsáveis pelo reboliço político em que a Republica se transformou. Os seus acólitos libertaram-no mas foram os dirigentes políticos que proveram para a sua evasão, que proveram os transportes e os respectivos locais de fuga e proveram para o seu sustento esses anos todos. Segundo o jornal *A Capital*², o próprio combustível do automóvel que o levou para o Norte foi fornecido pelo comando da polícia, “*No dia seguinte, conta A Capital, sai de Lisboa num automóvel de um «conhecido revolucionário», sendo a gasolina, que foram quatro latas, fornecida pelo comando da polícia, com a requisição assinada pelo conhecido comissário-geral major Carrão de Oliveira*”³.

Não se julgue contudo que depois desta libertação e nos meses seguintes José Júlio da Costa estava esquecido, pois Rocha Martins continuamente vinha a denunciar tal facto, nomeadamente nos *Fantoches* nº 48 de 1 de Dezembro de 1923 “*Neste panfleto tem-se pedido a todos os governos, a prisão do assassino de Sidónio Pais. Claro, que o medo nutrido pelo poder dos democráticos é tanto, que não se faz caso do que se escreve aqui e nos jornais decentes. Exigir a captura de um bandido, do matador de um chefe*

de Estado, é nobre missão de quem não uiva com os lobos daquele partido de traficâncias e de escandalo.”

Igualmente no número vinte e um na primeira página descreve os locais por onde tem andado, “*Os homens do 19 de outubro deliberaram, porém, pôr a salvo o criminoso, dar-lhe a fuga e a protecção. Como se fosse um benemérito, o José Júlio da Costa, exibicionista e excitado, é apageado agora em casa dum magnate republicano, umas vezes no Minho, logo noutra do Douro, amanhã em Traz-os-Montes, sempre de algibeireira cheia - porque mantém quotas para o seu sustento - e mostrando-se como um credor.*”⁴

“*A tese de que José Júlio da Costa não passava de um desequilibrado mental, vítima dos seus preconceitos políticos, e que procedera isoladamente, movido por uma doentia tendência de criminoso exibicionista, continua, todavia, a ser muito difícil de sustentar considerando-se a impunidade de que goza, depois do 19 de Outubro.*”⁵

¹ Marta Maia, esposa de José Carlos da Maia, autora de “*As minhas entrevistas com a Abel Olimpio “O Dente de Ouro”*”. *Páginas para a historia da morte vil de Carlos da Maia, republicano - combatente de 5 de Outubro*”. Publicado em Lisboa em 1928, revelou a identidade dos mandantes dos crimes, apesar dos nomes que avançou e das conclusões a que chegou, o processo judicial nunca foi reaberto ou os responsáveis castigados. Pelo que é referido por Berta Maia, Abel Olímpio teria sido aliciado pelo padre Lima, (ambos de Estevas da Vilariga), e a camioneta teria sido fornecida pelo tenente Mergulhão que juntamente com Fernando de Sousa, do jornal *A Voz*, mais Gastão de Matos, Luiz Moutinho de Carvalho, Carlos Pereira e o Conde de Tarouca, foram considerados, na época, como os principais mandantes dos crimes.

² Franco e Barriga, 2008. P. 108.

³ Carrão de Oliveira viria a falecer em circunstâncias estranhas num acidente de automóvel. Em sessão da Câmara dos deputados de 10 de Agosto de 1922, o presidente desta, Domingos Leite Pereira, (dissidente democrático em 1920-21), Propôs à Câmara “*Um voto de sentimento pela morte desastrosa do comissário geral de polícia de Lisboa, Sr. Carrão de Oliveira*”, o qual foi aprovado, tendo igualmente o deputado Agatão Lança, (democrático), em nome dos Deputados independentes, declarado “*Esta morte deu-se em circunstâncias que não estão ainda bem conhecidas. E eu pedia para que fosse bem averiguada a causa da morte, que podia muito bem ser devida a manejos criminosos*”, tendo também o deputado João Camoesas, (democrático), declarado, “*Vindo directamente das camadas populares, e tendo chegado a uma classe muito diferente daquela donde emergira, jamais esquecera essa mesma classe. Ficara filho do povo, sob a sua farda de oficial do exército, e como filho do povo procedeu em todos os momentos de crise para a República, sabendo sempre cumprir o seu dever de republicano*” In: *Diário da Câmara dos Deputados*, Sessão 129, de 10 de Agosto de 1922.

⁴ *Fantoches* nº 21 de 25 de Maio de 1923.

⁵ Wheeler, 1978, p.50

Café Futuro



Almoços e Jantares

Rua do Álamo

— Internet Wireless —

Associação Futuro de Garvão

REVEZ & GONÇALVES



Materiais de Construção, Lda.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA

VENDA A RETALHO

Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



SEGUNDA PRISÃO

Ou o Resgate em 1927

José Júlio da Costa só seria novamente preso, desta vez para sempre até à sua morte, quando a situação política mudou radicalmente em Portugal, com Afonso Costa desterrado para Paris, o *Partido Democrático* feito em farrapos e a guarda pretoriana destes, a Formiga Branca e antigos carbonários desbaratados e/ou assimilados pela nova ordem.

Só em 14 de Janeiro de 1927, sexta-feira, volta a ser preso, em Matosinhos, no hotel Central, onde se encontrava protegido pelo proprietário Alberto Midões, em circunstâncias ainda não plenamente esclarecidas, por António Maria Fernandes, funcionário público, apoiante de Sidónio Pais e sidonista convicto. José Júlio da Costa volta à Penitenciária de Lisboa de onde só sairá para o hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, aonde viria a falecer em 28 de janeiro de 1948.

Os pormenores da sua prisão, as motivações de António Maria Fernandes, o local onde se encontrava José Júlio da Costa, o acompanhamento de um irmão com o captor, foram largamente alardeados pela imprensa da altura, com base nos depoimentos das testemunhas que assistiram à captura de José Júlio da Costa.

António Maria Fernandes não seria um obscuro funcionário público, como os jornais da época fizeram crer, seria um dos muitos que Sidónio Pais aliciou para as suas fileiras, nomeadamente para a sua *Policia Preventiva*. O seu percurso coloca-o no meio dos círculos revolucionários que agitavam o país antes de Sidónio, de facto António Maria Fernandes era conhecido de José Júlio da Costa e andaram pelos mesmos círculos do desassossego político.

O jornal "O Século", de 16 de Janeiro de 1927, relata "*O senhor António Maria Fernandes, funcionário público, é aquele indivíduo que, na noite de 19 de Julho de 1925, fardado de capitão, subiu para bordo do "Vasco da Gama", acompanhando o comandante Mendes Cabeçadas, a fim de revoltar a guarnição daquele barco*". Ora não será um *reles funcionário público* que tem acesso directo ao ministro, nem muito menos veste a farda de capitão e subleva a tripulação dum navio com o futuro primeiro-ministro, (Presidente do Ministério).

De facto os jornais e restante imprensa da época referem António Maria Fernandes como "*um obscuro funcionário público*", mas todos eles falham em mencionar em que repartição pública trabalhava, o local da mesma ou quais as suas funções ou mesmo informar por que motivo o tal

"*ignorado funcionário público*", se poderia ausentar do seu emprego e estar munido de um documento legal que forçava as forças policiais a prestarem-lhe ajuda caso necessitasse. A sua actuação só se compreende dentro dum quadro político em que alguns membros dos grupos de civis armados ao serviço dos partidos, inclusivamente da carbonária e da Formiga Branca, tenham feito a passagem, como muitos outros, para a nova policia politica.

Assim por ordens superiores, por iniciativa própria ou combinado com os familiares de José Júlio da Costa e muito provavelmente com o conhecimento deste, munido de um salvo-conduto que o permitia requisitar as forças da ordem, parte primeiro para Garvão e Algarve e seguidamente, acompanhado por um irmão de José Júlio da Costa, para o Norte onde viria a efectuar a prisão, segundo a versão da imprensa na altura, ou o resgate segundo a opinião de alguns familiares que o aconselhavam a entregar-se.

De facto esta "prisão" parece ter sido planeada pela própria família e com conhecimento do próprio José Júlio da Costa, a participação do irmão ao lado do captor assim o indica. Como se afirmou, José Júlio da Costa terá feito chegar à família o seu descontentamento com a situação e mostrado de alguma maneira a vontade em se entregar e de se libertar do controle de quem supostamente o protegia.

Assim esta entrega, prisão ou resgate, planeada pelos familiares e com conhecimento do próprio José Júlio da Costa, para subtrai-lo ao controle desses grupos populares armados, terá sido de facto arditosamente aproveitada pelas autoridades e a escolha de António Maria Fernandes, para "prender" José Júlio da Costa, não terá sido ocasional, terá sido um processo longo, de promessas e garantias que não se vieram a confirmar e muito menos a cumprir. A esta iniciativa da família, com o acompanhamento de um irmão se aproveitou a policia e terão escolhido alguém conhecido de foragido e em quem este confiava.

José Júlio da Costa ao ver António Maria Fernandes, quando este o foi "prender" terá exclamado, "*obrigado Fernandes por me vires buscar que eu estava farto disto*".

De facto o seu regresso a Lisboa fez-se sem qualquer das características que caracterizam um preso, falta de algemas, falta de prisão por policiais, limitou-se a acompanhar o *captor*, convencido em como não estava a ser preso e seria solto ou levado para outro lugar seguro como acreditava.



parafarmácia
GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Neto
Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 405
parafarmaciadegarvao@hotmail.com



Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos

Gerência: Maria de Fátima Barroso / Maria Górgens

Telems.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão



FINAL e MORTE de JOSÉ JÚLIO da COSTA

O “*famigerado herói do crime grande da estação do Rocío*” morreu em 16 de Março de 1946, com a idade de cinquenta e dois anos, internado no Hospital Miguel Bombarda ao fim de vinte e oito anos de prisão, sem nunca ter sido acusado nem julgado do acto que vitimou Sidónio Pais.

O que eventualmente poderia depor sobre o seu percurso de militância política na capital, no período anterior ao golpe de Sidónio Pais, junto de companheiros que anos depois estavam nas fileiras da nova policia politica; os incitamentos e influências que o motivaram para cometer o atentado; os complots que se sucederam e culminaram na sua libertação pela “*noite sangrenta*”; quem o protegeu e sustentou durante os anos seguintes; o seu conhecimento sobre os tramas que se conspiravam nos bastidores dos partidos políticos; sobre as convulsões porque passou a República, comprometia muita gente que agora fazia fileira no novo regime do “Estado Novo”.

De facto o depoimento de José Júlio da Costa em julgamento não interessaria a muita gente saída dos meios revolucionários pré Sidonistas e pós 28 de Maio e que engrossavam agora as fileiras do “estado novo”. Se a nova Assembleia Nacional¹ se enchia agora dos cabecilhas e dirigentes partidários recentemente convertidos ao novo regime: a nova tropa de choque; a policia politica, os informadores e demais denunciadores saíram dos arruaceiros de rua que caracterizaram a primeira republica e que já Sidónio Pais tinha ensaiado na sua nova policia politica.

O diagnóstico de esquizofrenia interessava a todos e todos pactuaram com essa desculpa que justificava o seu aprisionamento sem ser julgado em tribunal e o impediu de divulgar o que sabia.

Segundo João Paes, neto de Sidónio Pais², “*Ele foi protegido, sem sombra de dúvidas, é inconcebível que um assassino de um presidente da república não seja julgado, não seja condenado e posto simplesmente em prisão preventiva como se estivesse em banho maria á espera que se fizesse qualquer coisa*”

Fruto dos tempos, espírito arrebatado, assanhado ou encarniçado, José Júlio da Costa irradiava poder, perturbava espíritos, sublevava emoções e alimentava esperanças. José Júlio da Costa nasceu com o republicanismo entranhado nas costas, com a obsessão dum revolucionário dividido entre a

mera existência e a auto-afirmação, entre a liberdade que advoga e a tirania que repudia, imagina-se como sendo ele próprio o salvador, numa escalada mental que o leva à auto-alineação.

Mas poder-se-á ignorar a sua capacidade intelectual? Não estaria de facto letrado nas obras de autores como Tolstoi, Darwin, Nordau, Teófilo Braga, Buchner, Kropotkine, Malatesta ou Sebastião Faure? Poder-se-á ignorar o seu percurso de combatente republicano e descarta-lo como louco? Afinal pela implantação da Republica não estava ao lado de Machado Santos, na Rotunda, com apenas dezasseis anos? Não foi afinal como voluntário combater a rebelião em Timor em 1911? E os Alemães em Angola em 1914? Não se ofereceu inclusivamente para combater na Grande Guerra? Poder-se-á igualmente ignorar os contributos que deu como militar e civil para a consolidação da Republica? Afinal o que será preciso para alguém ter o reconhecimento devido? Com um percurso destes, na sua mente, claro que se pode dizer que se sentia mandatado para eliminar os traidores à «sua» Republica.

A morte grande da Estação do Rossio ficará para a história como um acto violento perpetuado contra o presidente da República da altura, mas poderia este caso ter acontecido sem a degradação moral, política e das instituições a que chegou a sociedade portuguesa? A primeira República será recordada como um período de governos instáveis e efémeros, de golpes violentos, de forte bulício político e extremação de emoções partidárias que permitiu o surgimento tanto de ditadores como de vingadores.

José Júlio da Costa, preso, desesperava pela revolução que lhe quebraria as amarras da prisão e o colocaria no mais alto pódio dos heróis nacionais; por ter livrado o país de um ditador; por devolver o governo aos *democráticos*; por ter apressado o retorno dos militares que lutavam em França durante a Grande guerra, por tudo isso e muito mais, não viu o seu feito ser projectado para o patamar do reconhecimento nacional.

José Júlio da Costa poderá não ter o devido reconhecimento que esperava, mas também não se poderá ignorar o cariz do ditador que abateu, se Sidónio Pais inaugurou a génese de um sistema político que caracterizou o século XX, com as graves consequências por demais conhecidas, então também o gesto épico de José Júlio da Costa e o seu lugar na história terá de ser reconhecido.

CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

